Carolina Maria de Jesus: fome, pobreza, política e racismo no livro "Quarto de despejo".[1]

Paula Alícia Pereira da Silva[2]

RESUMO:
Este estudo se dedica a destacar a importância, a representatividade e, ainda, discutir o esquecimento de Carolina Maria de Jesus no Brasil, tendo como foco sua obra *Quarto de Despejo*, publicada em 1960 e traduzida para diversos idiomas, e a refletir sobre a desvalorização da literatura feminina afro-brasileira. A partir de uma abordagem histórica e literária investiga-se o contexto da marginalização enfrentada por Carolina na favela do Canindé em São Paulo, onde trouxe à tona questões raciais, sociais, políticas e de classe que são o ponto principal da sua obra. Esta pesquisa discute os fatores que contribuíram para esse esquecimento, com destaque para o racismo estrutural e as limitações do sistema brasileiro. O estudo também destaca a importância do livro como um ato de resistência, dando voz a uma mulher subalternizada e rompendo com os padrões da literatura tradicional. Reflete – a partir de pensadoras como Adichie (2009); Lorde (1984); Martins (2007), entre outras/os - sobre a relevância contínua da obra no combate às desigualdades sociais e raciais no Brasil. Por meio desta análise, busca-se destacar a importância de Carolina Maria de Jesus na construção de uma literatura verdadeiramente plural e inclusiva no Brasil.

PALAVRAS - CHAVE: Carolina Maria de Jesus; Quarto de Despejo; Literatura de Autoria de Mulheres; Afro-brasileira; Racismo.

RESUMEN: Este estudio se dedica a destacar la importancia y la representatividad de Carolina Maria de Jesus en Brasil, así como a discutir su obra olvidada Quarto de Despejo, publicada en 1960 y traducida a varios idiomas, y a reflexionar sobre la devaluación de la literatura femenina afrobrasileña. A partir de un enfoque histórico y literario, se investiga el contexto de marginación al que se enfrentó Carolina en la favela de Canindé, en São Paulo, donde sacó a la luz cuestiones raciales, sociales, políticas y de clase que constituyen el eje principal de su obra. Esta investigación analiza los factores que contribuyeron a este olvido, haciendo hincapié en el racismo estructural y las limitaciones del sistema brasileño. El estudio destaca también la importancia del libro como acto de resistencia, dando voz a una mujer subalternizada y rompiendo con los esquemas de la literatura tradicional. Reflexiona - basándose en pensadores como Adichie (2009); Lorde (1984); Martins (2007), entre otros - sobre la vigencia de la obra en el combate a las desigualdades sociales y raciales en Brasil. Este análisis busca destacar la importancia de Carolina Maria de Jesus en la construcción de una literatura verdaderamente plural e inclusiva en Brasil.

---

[1] Trabalho apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso — TCC, ministrada pelo Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco — UFRPE, sob orientação da Profª. Dra. Renata Pimentel Teixeira. E-mail: renatapimentelufrpe@gmail.com

[2] Graduanda em Licenciatura em Letras – Português/Espanhol pela UFRPE/SEDE. E-mail: paula25alicia@gmail.com.

PALABRAS CLAVE/KEYWORDS: Carolina Maria de Jesus; Cuarto de Despejo; Literatura Escrita por Mujeres; Afrobrasileña; Racismo.

1. Introdução

A produção literária escrita por mulheres negras no Brasil tornou-se uma ferramenta essencial na luta contra o apagamento histórico e na busca pela representatividade e pelo reconhecimento cultural, enriquecendo o cenário literário brasileiro e questionando as narrativas dominantes que, por muito tempo, descreveram personagens negras de forma simplista, marginalizada e sexualizada como, por exemplo, Rita Baiana e Bertoleza na obra *O Cortiço*, de Aluízio Azevedo (1890), deixando de lado suas contribuições afrodescendentes e suas histórias de força. Sobre esse apagamento, Leda Martins, no texto *"A fina lâmina da palavra",* afirma:

> não nos é difícil perceber que a letra ficcional e poética torna-se, em seus textos, um instrumento e um locus privilegiado para uma potente e persistente rasura, descontinuidade e desconstrução, tanto dos inumeráveis vícios de figuratização da persona negra feminina na literatura brasileira quanto de alçamento de uma voz alterna em relação ao racialismo e sexismo que permeiam obliquas práticas discursivas. (MARTINS, 2007, p.64).

Atualmente, destaca-se a importância de escritoras negras com relação à desconstrução de estereótipos relativos a questões raciais e de gênero, e na criação de uma literatura que reflete as múltiplas camadas da identidade afro-brasileira. A literatura é, sem dúvida, um espaço de resistência e identidade, mas a literatura afro-brasileira escrita por mulheres vai além disso: elas trazem, em suas palavras, suas vivências, dores, lutas, conquistas e resistências, refletindo o impacto do racismo em suas vidas e na sociedade, sendo algo que ressoa até os dias de hoje. Nos textos, está retratado, na maioria das vezes, o que a escritora viveu, podendo ser explorados assuntos como: a identidade racial e a influência da visão de mundo e dos personagens criados, bem como camadas de violências sofridas em decorrência do racismo estrutural ou as resistências e estratégias de vida das personagens negras.

Audre Lorde afirma no tópico *"Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença"* (parte do texto *"Não existe hierarquia de opressão")* como a visibilidade completa e complexa da mulher negra é essencial para a busca de representatividade em suas narrativas:

> É realmente necessário que sejamos vistas como pessoas completas em nossa verdadeira complexidade – (...) – e não como um desses estereótipos problemáticos mas familiares existentes nesta sociedade no lugar de imagens genuínas de mulheres negras. (LORDE, 1984, n.p).

E desta maneira escritoras negras e brasileiras têm um papel crucial na construção de narrativas sobre a experiência de mulheres negras no Brasil, trazendo à tona em suas obras assuntos como racismo, gênero, ancestralidade, empoderamento e representatividade.

Este artigo tem seu foco na escritora Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, mãe solo de três filhos, nascida em Sacramento, Minas Gerais, e na sua obra, talvez mais notória, intitulada *Quarto de despejo*, publicada originalmente em 1960. Carolina morou boa parte da sua vida na favela do Canindé, em São Paulo, área que foi desocupada para construção da Marginal Tietê. Nesta área, trabalhou como catadora de papel e enfrentou a pobreza extrema, o racismo e a violência, mas também registrou sua realidade de forma íntima e direta e criticou a política brasileira, com uma escrita que impactou o Brasil e o mundo. Embora Carolina tenha alcançado reconhecimento mundial com a publicação de *Quarto de Despejo*, sua notoriedade no Brasil foi, por muito tempo, minimizada e esquecida. No cenário internacional, sua obra foi amplamente celebrada durante certo período, traduzida para diversos idiomas e foi reconhecida como uma contribuição significativa para a literatura e para a luta contra a opressão social.

Além de *Quarto de Despejo* (1960), Carolina Maria de Jesus publicou outros títulos relevantes que evidenciam a continuidade e a diversidade de sua produção literária. Em *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-Favelada* (1961), a autora retoma o formato diarístico para narrar sua experiência ao sair da favela do Canindé e enfrentar os desafios da vida na "cidade formal", revelando o racismo estrutural e a exclusão social que persistem mesmo fora da favela. Em seguida, lançou *Pedaços de Fome* (1963), uma coletânea de contos de forte teor autobiográfico, em que retrata a fome e

a miséria com crueza e sensibilidade, e *Provérbios* (1963), uma obra que reúne ditados populares, revelando seu olhar atento sobre a sabedoria popular e a oralidade. Também escreveu poesias e sambas, demonstrando sua versatilidade artística e seu domínio de diversas formas de expressão cultural afro-brasileira. Suas composições musicais, muitas vezes impregnadas de melancolia e resistência, refletem as dificuldades enfrentadas e a esperança persistente, características marcantes de sua trajetória, um exemplo é a canção "*Moamba*", na qual expressa: *"Eu não tenho casa nem comida pra comer. Ai, meu Deus, trabalho tanto e vivo nesse miserê"*. Já em *Diário de Bitita*, escrito na década de 1970 e publicado postumamente em 1986, ela busca reconstruir suas memórias de infância e juventude em Sacramento (MG), em um esforço para expandir sua voz como sujeito histórico e literário. No entanto, apesar de sua densidade temática e literária, a obra não alcançou o mesmo reconhecimento de suas publicações anteriores, refletindo o apagamento a que foi submetida no campo literário brasileiro.

Para alguns teóricos, o Brasil possui uma estrutura racista. Essa estrutura normaliza certas condutas com a população negra, onde a mesma é sempre posta em situação de desvantagem. Almeida, em sua obra intitulada *"Racismo estrutural",* diz que o racismo estrutural:

> É uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas, e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. (ALMEIDA, 2018).

Como visto, tal normalização atinge não somente as questões econômicas e sociais, mas algo que é primordial para as relações humanas: o convívio familiar. Esta normalização vem por meio de condutas violentas, que não necessariamente precisam ser físicas, mas podem ser de ordem financeira.

Foi, então, esta estrutura o que dificultou o pleno reconhecimento de sua importância. Carolina foi vista por muitos como uma "autodidata" e sua obra foi frequentemente desvalorizada pela crítica literária dominante da época. Jornalistas menosprezavam Carolina como escritora por sua simplicidade e pelos costumes que possuía. Sua filha, Vera Eunice, recorda que chegaram a noticiar que sua mãe "não gostava de sair de casa sem sapatos" (MEIHY; LEVINE, 1994, p.27).

A grande mídia da época, ao se referir a Carolina, sempre utilizava adjetivos como “favela”, “a favelada”, “a escritora favelada” sem nunca analisar primeiro o conteúdo de sua obra, trazendo, em suas impressões, a questão social à frente da importância de seus feitos, que por meio da literatura queria mostrar sua realidade. Um exemplo é visto na revista *Manchete*, onde, ao registrar a viagem realizada por Carolina para a Argentina para divulgação do livro *Quarto de despejo,* é possível ser visto na imagem o título: “Carolina, a favela em castelhano”.

Imagem: Revista Manchete, 1961

Partindo desta afirmação, a revista *O Cruzeiro* publicou uma foto onde Carolina está cercada por algumas pessoas brancas e bem vestidas no Super Shopping Center, uma galeria comercial em Copacabana, onde acontecia a segunda edição do

Festival do Escritor Brasileiro. Na imagem, apenas uma mulher foi identificada e dizia o seguinte (canto inferior à direita): *“Literatura não tem cor. A loura Rosângela Maldonado (Chamas do desejo e Tormentos do passado) com a escritora favelada de Quarto de despejo”*, mostrando mais a presença de uma estrutura preconceituosa:

Em Copacabana escritores de tôdas as partes reunidos no “Shopping Center”

Imagem: O Cruzeiro, 1961

As revistas, ao utilizarem tais chamadas, provam que o fato de sempre olhar primeiro para suas origens e para sua cor, do que para o que escreve, demonstram a presença do racismo estrutural.

Essa desvalorização de sua figura e de sua obra no Brasil reflete uma resistência de uma parte do meio literário e da crítica especializada nacional em reconhecer a literatura de vozes negras e periféricas, mesmo quando estas têm um impacto global significativo. Esse contraste entre um certo reconhecimento internacional e o que se pode considerar ainda a pouca recorrência de estudos e validação de sua obra no circuito de prestígio no Brasil evidenciam as tensões sociais e raciais ainda presentes na cultura literária do país.

2. **Carolina Maria de Jesus e Quarto de Despejo: Diário de uma favelada.**

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914, em uma época em que o Brasil se encontrava imerso em uma profunda desigualdade social, e pela exclusão da população negra e periférica, mostrando o preconceito racial. Em dias atuais, o cenário não mudou muito quanto à desigualdade no país e ao racismo. Sua trajetória marcada por desafios imensos reflete a realidade de milhões de brasileiros que viviam, e vivem até hoje, às margens da sociedade, especialmente os que habitavam nas favelas das grandes cidades.

Carolina foi 'descoberta' pelo jornalista Audálio Dantas (1960, p.3) quando ele havia sido designado para realizar uma matéria sobre a comunidade do Canindé, quando a viu discutindo com umas pessoas que estavam no parque, nessa discussão ela disse que, se aquelas pessoas não saíssem, ela colocaria o nome de todos eles no "livro". Dantas ouvindo isso decidiu perguntar do que se tratava o tal livro e Carolina lhe mostrou os 38 cadernos com seus escritos, um futuro *best-seller*.

Quando Dantas conheceu a história de Carolina e decidiu publicar o material, a palavra "descoberta" foi bastante utilizada para descrever o processo. Este contexto implica que a obra de Carolina precisaria ser encontrada e validada por alguém de um meio social e econômico mais elevado e de cultura letrada ampla, alguém que possuísse influência e acesso ao mercado. Esta expressão faz com que a autonomia de Carolina como escritora seja negada e relega sua capacidade de criar a uma condição de invisibilidade ou de não legitimação, sugerindo que ela não poderia ser escritora por ter ensino primário incompleto.

Esse discurso tem um caráter excludente, pois ignora o valor intrínseco da escrita de Carolina e sua capacidade de expressar, por meio da literatura, a realidade de sua vivência, que era extremamente significativa e autêntica. A utilização do termo "descoberta", ao invés de "reconhecimento", reflete uma visão racializada e elitista da literatura, como Lorde deixa evidente: *"A literatura das mulheres negras está cheia da dor de agressões constantes, … por parte de um patriarcado racista… No entanto, a necessidade e a história de uma guerra comum fizeram de nós, mulheres negras, particularmente vulneráveis à falsa acusação de que antissexista é o mesmo que antinegro"* (Lorde, 1984, n.p) exigindo uma validação externa para que a escrita de uma pessoa de classe baixa, preta e moradora de favela seja aceita como legítima.

Sua vida marcada pela pobreza extrema, discriminação racial e luta pela sobrevivência, foi registrada de forma dura e verdadeira em sua obra mais conhecida, *Quarto de Despejo* (2022). O livro não só retrata sua própria vivência, como também se tornou um símbolo literário que expõe a realidade de tudo que ela passou na favela do Canindé com seus três filhos e que, ao longo do tempo, foi reconhecido internacionalmente. E ela retrata sua dificuldade logo no início de seu livro:

> Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (Jesus, 2022, p.11 – os desvios à norma culta da língua escrita respeitam a escrita de Carolina).

Carolina inicia seu livro relatando este determinado acontecimento em sua vida, mostrando que o que para muitos é algo trivial, rotineiro, quase banalizado, como o ato de comprar sapatos novos, para ela é algo muito custoso, pois suas condições não lhe permitem adquirir as coisas mais básicas. Outro exemplo desta situação da pobreza extrema é o fato de que os seus desejos são impedidos pelo custo de vida, causado pelo alto valor dos alimentos, recurso básico para a manutenção da vida.

A favela do Canindé, onde Carolina vivia, era um local marcado pela precariedade e pela falta de infraestrutura. A população que lá morava enfrentava a escassez de recursos básicos, como água encanada, saneamento e segurança, e a desigualdade social era um fator constante em suas vidas. Carolina, com o hábito de escrever, passou a registrar em cadernos seu dia a dia, suas angústias, reflexões e, principalmente, o sofrimento imposto pela fome e pela falta de dignidade. Quando Dantas leu o compilado de textos naqueles cadernos pensou na possibilidade de publicá-los pela Livraria Francisco Alves e assim o fez: *Quarto de Despejo* teve sua primeira publicação em 1960. A obra descreve o cotidiano na favela com um olhar atento e minucioso referente às condições de vida dos moradores, usando a sua escrita como uma forma de crítica, resistência e denúncia social.

A escritora, ao relatar certos acontecimentos, mostra que o egoísmo humano chega a um certo ponto que lhe causa choque e consternação. Por viver em uma

região humilde e em que muitas pessoas passam fome, determinadas condutas como as relatadas abaixo, lhe causam sofrimento:

> ... Percebi que no Frigorifico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meia tonta. A tontura da fome é pior do que a do alcool. A tontura do alcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrivel ter só ar dentro do estomago. (...) Parece que quando eu nasci o destino marcou-me para passar fome (Jesus, 2022, p.44 – os desvios à norma culta da língua escrita respeitam a escrita de Carolina).

O simples ato de jogar um conteúdo químico em sobras de comida, como feito pelas pessoas do frigorífico, demonstra uma problemática, pois, sabendo que muitos catadores da região precisam nem que seja dos restos de carnes para se alimentar, o estabelecimento não destina essas sobras aos mesmos. Esta situação é possível de ser comparada com a que ocorreu com Adichie, ao relatar como entendia o que era a pobreza. Para ela, em sua visão de criança de oito anos, a pobreza era uma ideia, e não algo tácito, algo que ela "só tinha ouvido falar". (ADICHIE, 2009, n.p.) Para quem nunca sentiu o que é a fome, não consegue entender as necessidades de um semelhante, e talvez por isso, entenda que as sobras são algo a ser descartado, e não reaproveitado. Além disto, o sofrimento causado em Carolina é simbolizado por uma comparação implícita, mostrando que a fome só acaba, se, por exemplo, ela conseguisse comer as carnes que sobraram do estabelecimento, ou que ao menos tivesse uma alimentação digna, e para isso, ela traça um paralelo com o ato de se embriagar.

Quando Carolina relata *"não sei se choro ou se saio correndo sem parar até cair inconciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro."* (Jesus, 2022, p.41 – os desvios à norma culta da língua escrita respeitam a escrita de Carolina) revela uma realidade em que a pobreza não é apenas uma condição externa, no sentido financeiro, mas uma experiência que afeta a psique no sentido de que precisa sair para trabalhar para ter dinheiro, de dinheiro para alimentar os filhos e isso causa uma certa ansiedade que traz até dores físicas. Tudo isso afeta as relações sociais, levando à exclusão dessas pessoas na sociedade e à marginalização. Em uma conversa com Toninho, rapaz que trabalhava na Livraria Saraiva em 1958, ela diz: "os editores do Brasil não imprime o que escrevo porque

sou pobre e não tenho dinheiro para pagar. Por isso eu vou enviar o meu livro para os Estados Unidos.” (Jesus, 2022, p.133).

Esses sentimentos são causados por uma estrutura que não privilegia pessoas menos favorecidas. Carolina teve o infortúnio de nascer dentro de tal configuração, que é permeada por um elitismo que é visto no fato de que a mesma luta para ter sua escrita valorizada e reconhecida pelo topo desta estrutura, em que estão intelectuais que possuem escolaridade acima da sua.

Outro tema central em sua obra é o racismo, um assunto tratado de forma direta e sem rodeios. Carolina, enquanto mulher negra e moradora de uma favela, sofria com o estigma racial imposto pela sociedade brasileira. Sua escrita revela o sofrimento e as humilhações diárias que pessoas negras enfrentam como: *” - Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você.”* (Jesus, 2022, p. 26) ou *“... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: - É pena você ser preta.”* (Jesus, 2022, p.64). O racismo se manifesta não apenas nas palavras e atitudes das pessoas ao seu redor, mas principalmente na *“perspectiva histórica e [...] pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências.”* (Ribeiro, 2019, p. 09)

Para começar a entender o peso de tais frases ouvidas por Carolina, e o quanto isso poderia lhe causar impacto, é necessário partir da premissa de que certas ideias com relação à população negra vêm do fato de que os mesmos sempre ocupam posições à margem de certas questões, como possuir um certo grau de instrução intelectual, pois lhe são negadas suas necessidades mais básicas, como o acesso à educação. Sempre que notada por alguém que lia os seus textos, Carolina era vista com certa surpresa, pois quem tinha formação acadêmica achava nunca iria encontrar uma pessoa com o “*português bom da escritora, que possuía vestimenta miserável* e que tentava ter a *"conversa filosófica" que Carolina tenta [...] com ele”* (Montandon, 1966, p.8) pois não poderia refletir a respeito de problemáticas sociais. Uma mulher que vem de uma comunidade onde não se tem o básico, aos olhos de uma estrutura que foca em somente privilegiar aqueles que possuem recursos, nunca seria entendida como quem consegue expressar tão bem as suas ideias, sentimentos e opiniões.

No ano de lançamento de *Quarto de despejo*, Carolina conheceu a escritora Clarice Lispector que neste ano também estava lançando um livro. Apesar de não terem tanta proximidade ou uma colaboração direta, a relação delas é simbólica de

uma divisão de classe e raça que perpassa a história literária do Brasil. Sobre o encontro delas Paulo Mendes Campos escreve para revista Manchete um suposto diálogo entre elas:

> — Tive olhando o seu livro: como você escreve elegante!
> — E como você escreve verdadeiro, Carolina!
> (MENDES CAMPOS, 1961, p.48)

Clarice era uma escritora considerada culta e ilustrada, enquanto Carolina era sempre vista como uma mera escritora favelada. Benjamim Moser relata sobre o encontro delas e comenta sobre uma foto em que elas estão juntas:

> Numa foto, ela aparece em pé, ao lado de Carolina Maria de Jesus, negra que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira, Quarto de Despejo, uma das revelações literárias de 1960. Ao lado da proverbialmente linda Clarice, com a roupa sob medida e os grandes óculos escuros que a faziam parecer uma estrela de cinema, Carolina parece tensa e fora do lugar, como se alguém tivesse arrastado a empregada doméstica de Clarice para dentro do quadro. (MOSER, 2011, p. 22)

Esta fala retrata mais uma vez o racismo sobre Carolina, colocando-a em um papel submisso e inferior. A comparação entre ela e Clarice Lispector, uma escritora branca, é feita de maneira que desumaniza Carolina, tratando-a como uma figura deslocada e "fora do lugar". Isto se torna problemático, pois Moser faz um paralelo entre Carolina e a “empregada doméstica de Clarice”, reforçando o estereótipo de que pessoas negras, especialmente as de classe baixa, não pertencem a ambientes mais elevados ou culturais, como uma foto de escritoras. A relação entre Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector vai além de uma simples interação, sendo um reflexo das divisões raciais e sociais no Brasil e no campo literário. Ambas, em suas respectivas esferas, são símbolos de resistência e do poder da escrita como uma ferramenta de questionamento das estruturas sociais.

Tal concepção é vista no artigo *“A violência social brasileira na obra de Carolina Maria de Jesus*” de Eliane da Conceição Silva, no qual ela descreve como Carolina é vista dentro desta estrutura através de um personagem criado no ano de 1966:

> Após fazer um antes e depois, recuperando a história da ascensão social e o auge do sucesso de Carolina, passa a responsabilizá-la pela situação em que a encontra: "Fazendo lugar comum, conheceu Carolina a embriaguez da fama. A despreocupação de quem tem dinheiro" (Montandon, 1966, p.8)”

A estrutura em que Carolina conseguiu penetrar, e obter um grande sucesso, também lhe culpa por seu infortúnio. Só o que estas pessoas não levam em consideração é que uma pessoa que nada possuía, do dia para a noite, passou a ter acesso a coisas que nunca imaginava. Não dá para dizer que o fato de a autora não ter possuído riquezas venha de uma “despreocupação de que tem dinheiro”, mas de uma possível realização.

Outro ponto muito presente em seu livro são suas opiniões políticas e em vários momentos ela faz críticas aos governantes no ano de 1958:

> Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o paiz dos políticos açambarcadores. (Jesus, 2022, p.39 – os desvios à norma culta da língua escrita respeitam a escrita de Carolina).

Com isso, ela traz seu ponto de vista de o quanto o poder financeiro pode ser o culpado das mazelas sociais do país. Para Carolina, o pobre para ser compreendido, precisa ser ouvido por alguém que tenha as mesmas origens que as suas, pois quem nunca sentiu a fome, ou a falta de algo, nunca vai entender as necessidades de uma população humilde.

A autora constantemente faz denúncias em relação à negligência do Estado para com as classes mais pobres, a falta de acesso à educação, saúde e moradia digna:

> As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.(…) Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo (Jesus, 2022, p.37 – os desvios à norma culta da língua escrita respeitam a escrita de Carolina).

Carolina, com isso, mostra que, enquanto a favela em que morava não tinha o básico, como o saneamento, e já nos centros da grande cidade, ela sempre se sentia deslocada, pois ela não estava acostumada a tanto luxo, o que aos olhos de muitos parece pouco, para ela era algo fora de sua realidade. Ao comparar esta situação ao estar em uma sala de visitas, ela mostra que a cidade é mais valorizada, bem cuidada e mais bonita, enquanto a comunidade é triste, largada, cheira mal e é completamente mal cuidada, como algo a ser descartado.

Ela também falava sobre a hipocrisia dos políticos para receber votos das pessoas mais carentes, mostrando que estes, em período eleitoral, apelam aos sentimentos relacionados a questões sociais e econômicas, como o custo de vida e os preços dos alimentos, e quando eleitos *"Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade"* (JESUS, 2022, p. 38)

Essas denúncias tornaram-se um ato político, já que, ao escrever sobre a pobreza e as dificuldades enfrentadas, Carolina subverte as narrativas oficiais e dá voz àqueles que geralmente são silenciados pela sociedade. Uma curiosidade é que ela constantemente relatava a presença da Rádio Patrulha na comunidade e a indiferença com os jovens que eram considerados marginais, incluindo seu filho mais velho:

> Recebi uma intimação para comparecer as 8 horas da noite na Delegacia do 12. Passei o dia catando papel. A noite os meus pés doiam tanto que eu não podia andar. Começou a chover. Eu ia na delegacia, ia levar o José Carlos. A intimação era para ele. O José Carlos está com 9 anos. (JESUS, 1960 p. 25). – os desvios à norma culta da língua escrita respeitam a escrita de Carolina).

A luta pela sobrevivência no "quarto de despejo", que é um espaço simbólico de abandono, também pode ser lida como uma metáfora para a luta pela cidadania, dignidade e reconhecimento das pessoas das classes sociais mais baixas onde é perceptível que *"De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e as sucursaes nos lares dos operarios."* (Jesus, 2022, p.40). Portanto, a obra de Carolina Maria de Jesus se insere no debate político de sua época, refletindo sobre a desigualdade social e o sistema de classe do Brasil.

3. Considerações finais

A literatura escrita por mulheres negras no Brasil, como a obra de Carolina Maria de Jesus, é uma forma potente de resistência contra o apagamento histórico, a marginalização e os estereótipos raciais e de gênero. Ao dar voz a suas vivências, essas escritoras não só desafiam a narrativa dominante, mas também afirmam suas identidades e ressignificam o espaço literário brasileiro. A obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* é um retrato profundo da luta diária contra a pobreza, a negligência política com os pobres, o racismo e a exclusão social. Ao expor as dificuldades e as injustiças enfrentadas pelas mulheres negras e periféricas, Carolina se insere em um movimento literário que reivindica a representatividade e a validação das vozes historicamente silenciadas.

Carolina Maria de Jesus enfrentou uma luta constante no meio literário dominante, que se apega ao preconceito racial e à visão elitista da literatura, para que sua obra fosse reconhecida além do estigma da "favela". Entretanto, sua escrita autêntica, que reflete a realidade de sua vivência, desafia esse olhar para as comunidades, mostrando a profundidade e a complexidade de sua experiência e de sua visão de mundo. O sucesso de lançamento de seu livro não foi apenas uma questão de reconhecimento pessoal, mas também uma vitória pela validação da literatura periférica e pela luta contra a estrutura social que impede o acesso de vozes negras aos espaços de prestígio e ela conseguiu fazendo com que *Quarto de Despejo* fosse muito mais que uma mera denúncia social, mas um poderoso manifesto que coloca em evidência os mecanismos de opressão e as tensões sociais de um Brasil desigual, sexista e racista.

Por fim, a literatura afro-brasileira escrita por mulheres, como evidenciado neste trabalho, continua a ser uma ferramenta crucial para a construção de uma sociedade mais justa e representativa. Ao se deparar com os desafios impostos pelo racismo e pela exclusão social, essas escritoras ressignificam a literatura brasileira, trazendo à tona a importância das experiências vividas pelas mulheres negras e suas estratégias de resistência. A obra de Carolina, assim como a de outras autoras negras,

é um convite à reflexão sobre as questões raciais e de classe, além de representar um marco na luta pela transformação social e pelo reconhecimento da riqueza cultural da população afro-brasileira.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

Almeida, Silvio. Ribeiro, Djamila. **Racismo Estrutural.** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

FARIAS, Tom. **Carolina: Uma biografia.** São Paulo: Malê, 2018 (não usei ainda)

HISTÓRIA PRETA. ***Podcast - Carolina Maria de Jesus*.** YouTube, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=G5QU_yWNaMk&list=PLaxkwHCZnqueBloQ2KCV3lobBWqgSCa30. Acesso em: 26 nov. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada.** São Paulo: Ática, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. **Pedaços de fome.** São Paulo: Ática, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Provérbios**. São Paulo: Ática, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2022.

Jornal da USP . **Para conhecer um Brasil de brasileiros, Carolina Maria de Jesus em quatro atos.** Google, 2024. Disponível em:

https://jornal.usp.br/diversidade/para-conhecer-um-brasil-de-brasileiros-carolina-maria-de-jesus-em-quatro-atos/. Acesso em: 18 de dezembro de 2024.

Literafro. **Denúncia e reflexão no *Quarto de despejo.*** Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios. Acesso em: 20 de janeiro de 2025.

LORDE, Audre. **Não existe hierarquia de opressão.** Rio de Janeiro,1984.

MARTINS. Leda. **A fina lâmina da palavra.** Minas Gerais: UFMG, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M.. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

MENDES CAMPOS, Paulo. **"A autora mais cara do ano"**. Manchete, Rio de Janeiro, n. 485, p. 48, 5 de agosto.

MONTANDON, Marco Antonio. **Carolina: ascensão e queda.** Diário de São Paulo, ano XXXVIII, nº 11.398, 26 jun. 1966.

MOSER, Benjamin. **Clarice**,. São Paulo, Ed. Cosacnaify, 2011

O Cruzeiro. **Revista (RJ) - 1928 a 1985.** Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=138306. Acesso em: 22 de janeiro de 2025.

Quatro cinco um. **A solidão de Carolina.** Google, 2019. Disponível em: https://quatrocincoum.com.br/colunas/critica-cultural/a-solidao-de-carolina/. Acesso em: 22 de janeiro de 2025.

Ribeiro, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2020.

Silva, Eliane da Conceição. **A violência social brasileira na obra de Carolina Maria de Jesus.** UNESP, 2016.

***Carolina Maria de Jesus - Quarto de Despejo (1961) Álbum Completo*.** YouTube, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t3dzlAr4euo. Acesso em: 01 mai. 2025.